

à mudança de paradigma no exame de rastreio em Dezembro de 2019, que não foi possível implementar em 2020 devido ao pandemia.

“O teste base deste rastreio era a citologia ginecológica feita de 3 em 3 anos, mas o teste passou a ser o HPV de 5 em 5 anos. Para isto foi necessário recrutar novos técnicos, adequar instalações, adquirir novos equipamentos e alterar plataformas informáticas. Estava previsto o rastreio começar a meados do ano passado, mas com a pandemia o trabalho ficou atrasado. Os 4600 rastreios que era para fazer em meio ano acabaram por não se realizar”, explicita Raul Rego.

Mas já em meados deste mês de Fevereiro o rastreio ao cancro do colo do útero será retomado “em força”. “Estamos convencidos que em 2021 vamos ter uma boa recuperação do programa. Nos próximos 4 anos vamos fazer o que faríamos em 5”.

Com este novo paradigma, explica o presidente do COA, há duas vantagens: “por um lado, como é de 5 em 5 anos, permite uma maior taxa de participação populacional e, por outro, tem uma melhoria do ponto de vista da qualidade clínica do exame de referência, o HPV”.

O rastreio do colo do útero teve início nos Açores em 2010-2011.

5 mil rastreios ao cólon e recto ficaram por realizar

Já no ROCCRA, ficaram por rastrear cerca de cinco mil pessoas. Segundo Raul Rego, trata-se do rastreio “mais difícil de executar, pois implica o envolvimento dos hospitais e unidades de saúde de ilha”, que estiveram condicionados no ano passado devido à pandemia.

“Todas as consultas de aferição, provenientes dos quatro programas de rastreios são feitas nos três hospitais da Região. Como eles ficaram condicionados e com a sua actividade altamente alterada, houve muita coisa programada que ficou por fazer e os nossos programas foram também vítimas desta situação”.

O presidente do COA avançou, contudo, que já apresentou um plano de retoma deste programa ao novo Governo Regional, que foi aprovado. “Este plano implica um esforço financeiro substantivo e vamos entrar na normalidade deste programa ainda antes do final do primeiro trimestre de 2021”, garante o responsável.

O programa do rastreio ao cancro do cólon e recto teve uma implementação gradual nas várias ilhas: começou em 2014 no Faial, 2015 no Pico, Flores e Corco, 2016 em São Miguel (com uma interrupção em 2017), em 2018 na Terceira e 2019 em São Jorge e Graciosa. Este último, destaca Raul Rego, é um programa pioneiro que não existe, de forma organizada, em mais nenhum país da Europa, por representar “custos elevados e muitas interdependências”.

“Felizmente, aqui na Região, tivemos a decisão de se reforçar financeiramente o programa, que permite ultrapassar um conjunto de problemas operacionais que bloqueiam a sua execução. Temos a autorização da tutela para reforçar os encargos e preconizar soluções que assegurem o desenvolvimento do programa, por isso



Tabaco “é uma pandemia mais grave do que a Covid-19”, alerta Raul Rego

estamos expectantes”.

595 cancros detectados nos rastreios

Ainda não existem dados estatísticos sobre os resultados dos 23 mil rastreios efectuados no ano passado, mas Raul Rego adianta ao Diário dos Açores que ao longo dos anos e até Dezembro de 2019, foram detectados quase 600 novos casos de cancro.

“Em termos globais, detectámos 595 cancros nos Açores até Dezembro de 2019 e detectámos também 973 lesões pré-malignas. Estas lesões não são cancros, mas são situações com elevado grau de probabilidade de evoluir para tal. Nestes casos, é feita uma recomendação clínica e são realizados um conjunto de procedimentos que evitam o desenvolvimento daquela lesão”, explica o responsável.

Raul Rego considera estes 595 cancros diagnosticados um número positivo, pelo facto de muitos serem detectados em fase inicial. “A maioria destes casos detectados, hoje, já estão resolvidos”, afirma, salientando que hoje em dia ter cancro não é uma fatalidade.

Média de 1070 casos por ano

Por ano, nos Açores, surgem uma média de 1070 novos casos, de acordo com o último relatório referente a 2021-2016, sem considerar o cancro de pele não melanoma.

O presidente do COA frisa que cada tipo de cancro tem taxas de incidência diferentes.

Os mais incidentes nos Açores são os cancros dos brônquios, traqueia e pulmão, seguidos do cancro da mama feminina. O terceiro com mais incidência é o da próstata, em quarto surge o cancro do cólon e recto e em quinto o do estômago. Em termos nacionais, o cancro do cólon e recto surge no primeiro lugar do ranking da patologia oncológica.

“Estes cinco cancros, só por si, são mais de metade de todos os cancros que ocorrem num ano. Três deles são objecto de rastreio oncológico, pelo

“O tabaco é responsável por cerca de um terço da patologia oncológica. Isto é impressionante. Fazendo contas, se nos Açores há uma média de 1070 novos casos por ano, haverá 360 cancros por causa do tabaco”

que realça-se a importância de participação nos programas”, alerta o responsável.

A importância da detecção precoce

Raul Rego alerta que nunca é demais alertar e sensibilizar para a importância dos rastreios, que permitem a detecção precoce da doença. “A virtude destes rastreios é a possibilidade de poder combatê-los, porque são cancros que têm um crescimento lento”, frisa, acrescentando que “prevenir é muito melhor que remediar”.

Contudo, continua, “a maioria dos recursos está mobilizada para remediar e não para a prevenção”, lamenta, sublinhando que os responsáveis políticos devem ter noção desta realidade.

Ao se evitar ou detectar cedo a doença, os ganhos para a saúde das pessoas são “incalculáveis”, mas Raul Rego destaca que há igualmente a considerar os custos económicos que a doença envolve.

“O tratamento de um cancro, depois de estar bem instalado pode ultrapassar, bem à vontade, os 150 mil euros. Há medicamentos recentes, que são muito mais caros e que têm tido grandes resultados no combate à

doença oncológica. Por isso, há situações de pessoas que, depois de intervenções, têm que tomar medicação durante anos com custos mensais de 1500 e 2000 euros, isto sem falar de outros exames e tratamentos”, relata.

Tabaco, uma pandemia mais grave do que a Covid-19

Neste Dia Mundial da Luta Contra o Cancro, Raul Rego alerta que a “melhor forma de combater a patologia oncológica é evitando-a”. E isso faz-se evitando os factores de risco já conhecidos pela maioria da população, mas que continuam a ser ignorados, como o consumo de tabaco, alcoolismo, falta de alimentação saudável e falta de prática de exercício.

O tabagismo é, segundo realça o responsável, o factor mais preocupante e compara-o à pandemia. “O tabaco é uma pandemia muitíssimo mais grave do que o covid-19, esta é a verdade”, alerta.

Segundo explica, o tabaco é o principal factor de risco. “O tabaco é responsável por cerca de um terço da patologia oncológica. Isto é impressionante. Fazendo contas, se nos Açores há uma média de 1070 novos casos por ano, haverá 360 cancros por causa do tabaco”.

Um segundo terço dos cancros tem haver com outro factor que é a alimentação e a prática regular de exercício físico. O terceiro terço tem a ver com factores como exposição solar ou a questão hereditária.

“Se as pessoas não fumarem, tiverem uma alimentação adequada evitando fritos, álcool, alimentos processados, e ingerindo frutas, vegetais, muita água... Se fizermos isso já conseguimos evitar dois terços de factores de risco”, salienta.

Raul Rego alerta que “é muito importante que haja esta consciência individual e colectiva. Que cada cidadão, tendo esta consciência, seja militante desta causa, porque a vida é o principal bem que possuímos”, conclui.

alexandranciso@diariodosacores.pt